

## GURI CAMPONÊS

Getúlio Abreu Mossellin

Peço licença indiada,  
Vou contar a minha vida,  
Da minha querência querida  
Na campanha do Alegrete.  
Digo-lhes, fui até ginete,  
De matungo e de terneiro  
E por ser guri arteiro  
Levei muito do porrete.

Com oito anos de idade,  
Eu ia botar vaca,  
Atar sogueiro na estaca  
Pra recolher a cavalhada  
E sair de madrugada,  
Juntar os bois pro arado,  
Muitas vezes encarangado,  
Nos campos branco de geada.

Depois que unia os bois,  
Ia buscar o café  
E já não sentia os pés  
Da friagem que fazia.  
Daquela geada fria  
Que o sol ia derretendo  
E assim, eu fui crescendo  
Naquela lida bravia.

Lá na campanha é assim,  
A lida começa cedo,  
Mexendo com o bicharedo  
Trazendo as vacas pra mangueira,

Misturadas com as tambeiras  
Que se vai amanunciando,  
De vereda se amansando  
Pra virar vaca leiteira.

Fui crescendo sem estudo,  
Sempre na lida pesada,  
Pé no chão, mão calejada,  
Da capina e do machado,  
Da foice e rabo de arado,  
De sol a sol trabalhava,  
Só no domingo folgava,  
Para brincar com meu gado.

Sempre morei na campanha,  
Fazendo cerca em banhado,  
Guri de garrão rachado  
Carreteiro e lenhador,  
Piá de estância e lavrador  
Obediente e bem criado.  
Quando levava um recado  
Sempre cumpria a rigor.

Aqui fecho a cancela  
Desta poesia sem luxo,  
Escrita por um gaúcho,  
Que mal aprendeu a ler.  
E muito pouco escrever,  
Apenas alguns bilhete,  
Pois sou cria do Alegrete  
Rincão que me viu nascer.